

**O PENSAMENTO  
DIALÉTICO DE DANTE  
MOREIRA LEITE E SUA  
CRÍTICA À IDEOLOGIA  
DO CARÁTER NACIONAL  
BRASILEIRO**

FRANCO, Aléxia Pádua <sup>1</sup>  
SILVA, João Carlos da <sup>2</sup>  
PINA, Maria Cristina <sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> *Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da FE/UNICAMP, Campinas.*

<sup>2</sup> *Doutorando no Programa de Pós-Graduação da FE/UNICAMP, Campinas. Professor no Colegiado de Pedagogia/UNIOESTE, Cascavel. Membro do Grupo de Pesquisa HISTEDBR – GT Cascavel.*

<sup>3</sup> *Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da FE/UNICAMP, Campinas.*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma síntese do pensamento de Dante Moreira Leite (1927-1976) acerca da identidade nacional. Suas análises demonstram as contradições das formulações sobre o caráter nacional, ao denunciar as tentativas de generalizar as características particulares de um grupo ou classe de uma época, como se fossem de toda uma nação. Moreira Leite mostra como as formulações do caráter nacional se tornaram pseudocientíficas e se constituem em ideologias conservadoras ou burguesas, deformando realidades no intuito de fortalecer e manter o *status quo*. Neste sentido, Dante mostra a fragilidade de qualquer estereótipo que se aventura pelos caminhos das raízes do caráter nacional, utilizando-se de textos da literatura. Pontua o cientificismo de Silvio Romero, a originalidade de Euclides da Cunha e de numerosos outros autores, como Afonso Celso, Nina Rodrigues, Manuel Bonfim, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. A partir dessas referências, conclui que as ideologias existentes ligadas à definição do caráter nacional brasileiro não representam a autêntica tomada de consciência de uma nação, mas obstáculos para que um povo se torne livre de preconceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideologia, Nacionalismo, Caráter nacional

**ABSTRACT:** This article presents a synthesis of Dante Moreira Leite's (1927-1976) thought regarding the national identity. His analyses demonstrate the formulation contradictions about the national character, by denouncing the efforts to generalize the particular characteristics of a group, or class, from a time period, as if they were from an entire nation. Moreira Leite shows how the formulations of the national character have become pseudo-scientific and constitute in conservative or bourgeoisie ideologies, thus deforming the realities by trying to strengthen and maintain the *status quo*. As far as that is concerned, Dante shows the fragility of any stereotype who ventures along the ways of the national character roots, by utilizing pieces of the literature. It punctuates the scientificism of Silvio Romero, the originality of Euclides da Cunha and of several other authors, such as Afonso Celso, Nina Rodrigues, Manuel Bonfim, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda and Caio Prado Júnior. Starting from these references, we can conclude that the existing ideologies connected to the definition of a Brazilian national character do not represent an authentic gathering of the consciousness of a nation, but are obstacles that keep a people from freeing itself from prejudice.

**KEY-WORDS:** Ideology, Nationalism, National character

## INTRODUÇÃO

A temática da identidade nacional ocupou lugar de destaque entre os intelectuais brasileiros nas mais diferentes escolas literárias. Tal preocupação foi recorrente no Brasil acerca da necessidade de elaboração de uma consciência nacional. O

pensamento de Dante Moreira Leite segue este itinerário inaugurando uma nova época na história da sociologia brasileira, ao assumir posições dialéticas, apontando o artificialismo das idéias nacionalistas e suas diferentes interpretações sobre o Brasil. Descortinando novos horizontes para a reflexão teórica e a interpretação da realidade social do Brasil, estabelece um novo estilo de pensar o passado e o presente. O autor volta-se para a formação, o desenvolvimento, as lutas e as perspectivas do povo brasileiro, um povo formado por populações indígenas, conquistadores portugueses, africanos trazidos como escravos, imigrantes europeus, árabes e asiáticos incorporados como trabalhadores livres.

Sua análise está baseada no escambo e escravidão, no colonialismo e imperialismo, na urbanização e industrialização, por meio da qual se dá, inicialmente, a formação da sociedade de classes. Dante observa uma história atravessada por lutas sociais, diferente de uma história evolucionista tão presente na literatura brasileira. Preocupa-se com as revoltas de comunidades indígenas contra os colonizadores com as lutas contra o regime de trabalho escravo, história essa presente desde o final do século XIX, e que se desenvolveu com as lutas de trabalhadores do campo e da cidade pela conquista de direitos sociais ou pela transformação das estruturas sociais. É esta a importante contribuição que Moreira Leite nos oferece em seu livro.

Dante Moreira Leite (1927-1976), intelectual e filósofo formado pela USP, nesta mesma universidade foi professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, onde realizou pesquisas, abordando a questão das crenças, dos preconceitos e estereótipos disseminados pela cultura letrada. Suas investigações estiveram voltadas para a área da psicologia, assumindo caráter interdisciplinar ao dialogar com a antropologia e a sociologia. Buscava uma abordagem cultural e social, procurando interligar razão e sensibilidade, a partir de elementos da literatura. Entre suas principais publicações estão: *Psicologia e literatura* (1965) e *O caráter nacional brasileiro* (1969). O primeiro examina o contato entre os dois campos. O segundo, uma obra pioneira, que segundo o crítico Alfredo Bosi: trata-se de um livro fundamental'.

O livro “*O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*”, aclamado como um clássico e reeditado pela EDUNESP em 2003, é resultado de sua tese de doutorado defendida em 1954, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, reescrita em 1968 para publicação. Nesta obra Leite faz uma discussão sobre a ideologia do caráter nacional brasileiro, a partir das idéias produzidas sobre o Brasil pela cultura letrada desde a chegada dos portugueses no século XVI até meados do século XX. Dante Moreira Leite elabora uma análise crítica dos estereótipos e ideologias presentes nos escritos clássicos sobre o Brasil, de Pero Vaz de Caminha até a primeira metade do século XX. Busca, sobretudo, mapear as raízes e características desse caráter nacional e suas implicações na constituição da nacionalidade brasileira. Na primeira parte do livro, o autor discute as diferentes formulações do caráter nacional.

Neste texto apresentaremos a análise do autor sobre as duas primeiras fases do realismo representadas em Sílvio Romero, Afonso Celso e Euclides da Cunha. No exame destes autores e suas obras literárias, tabula os traços psicológicos dos brasileiros em cada autor investigado e depois faz uma análise de conteúdo, procurando compreender os traços psicológicos que aparecem em cada autor.

### DANTE E O CARÁTER NACIONAL BRASILEIRO

O que somos nós, brasileiros? Esta é uma indagação presente não apenas em Dante Moreira Leite, mas em muitos intelectuais brasileiros. Leite procura denunciar o modo de pensar por estereótipos, e o faz a partir da teoria crítica das ideologias. Para ele, as explicações sobre a constituição do caráter nacional devem ser buscadas no regime econômico e social da nação em suas implicações ideológicas, não se devendo fazer reduções a meras definições psicologizantes, antropológicas ou sociológicas.

Suas bases teóricas estão em diferentes matizes. Em Freud, a partir da tríade do Id-Ego-Superego. Em Marx, com o universalismo das noções de trabalho, classe e luta social. Em Caio Prado Jr. busca compreender na exploração mercan-

til europeia o sentido de nossa colonização, devendo ser considerado no processo de formação do caráter nacional e do desenvolvimento nacional. Leite centrou-se, sobretudo, na categoria ideologia em suas análises, revelando seu pensamento dialético, inovador em seu tempo.

Segundo Bosi (1983), as reflexões de Dante Moreira Leite fazem-nos pensar se há um “caráter nacional, ou apenas formas históricas e mutáveis de aculturação diferentes para cada classe social ou para cada grupo etário?”. Para Leite, o sentimento nacionalista não é espontâneo das massas, mas imposto pelos grupos dominantes. Por último, Dante Moreira Leite examina as diferenças e semelhanças entre o racismo e o nacionalismo. Enquanto o primeiro justifica a desigualdade por questões biológicas, naturais e existe dentro de uma nação para justificar divisão de classes/castas, o segundo justifica hierarquias entre nações e tem um conteúdo histórico, cultural e político. Todavia, o racismo aproxima-se do nacionalismo, quando é utilizado para justificar o domínio de um povo sobre outro, como ocorreu no expansionismo colonial. O darwinismo social, que argumenta cientificamente que a evolução da humanidade se dá pela dominação e até destruição das raças menos capazes por raças superiores, foi inclusive utilizado no final do século XIX e início do XX para mascarar a contradição entre imperialismo e interesses democráticos e liberais.

Segundo Leite, na história do sentimento nacionalista houve o desenvolvimento tanto do nacionalismo doentio e expansionista que destrói outros povos como o nazismo, quanto do nacionalismo saudável, reivindicatório que se defende do imperialismo de outros povos, como o nacionalismo sul-americano<sup>4</sup>. Para ele, o nacionalismo entre um povo caracteriza-se

<sup>4</sup> Leite contextualiza a origem do sentimento nacionalista, o qual se originou de diferentes formas, conforme país e época, fortalecendo-se a partir de fins do século XVIII, com consolidação dos Estados Nacionais (Estados modernos). Em Portugal, antes do século XVIII, já existia um nacionalismo não-dominante, o qual pode ser observado em Os Lusíadas (1572) de Camões, quando este comparava Portugal com outras terras. Na França, este sentimento surge com a Revolução Francesa, em 1789, ao defender um governo escolhido pelo povo e não de origem divina. Em várias outras regiões do continente europeu, como a Alemanha, o nacionalismo desenvolveu-se a partir das Guerras Napoleônicas, no início do século XIX, quando a invasão dos

pela exaltação das suas qualidades, que para terem sua grandeza afirmada são comparadas com outros povos que são colocados como inferiores. Tal sentimento nasce nas classes mais ilustradas e é imposto pelos grupos dominantes às outras classes, através da educação e dos meios de comunicação<sup>5</sup>.

Essa perspectiva é criticada por Carlos Guilherme da Mota (1994) ao perceber no discurso de Dante Moreira Leite uma tentativa de construção de uma análise livre de ideologias, pois científica, construída por intelectuais formados nos rigores das ciências sociais desenvolvidas até então. Dante Moreira Leite procura construir um saber científico, não dogmático, mas diferenciando a ciência natural que pretende um conhecimento objetivo, universal, absoluto, portanto inquestionável, da ciência humana. Segundo Dante Moreira Leite, “o pesquisador objetivo, em certos domínios das ciências humanas, [...] é uma ficção. [...]. Mesmo quando estudamos acontecimentos humanos já distantes no tempo e no espaço não ficamos neutros. [...] Se aceitamos estes princípios bem gerais, compreendemos a existência não só de níveis diferentes de conhecimento nas ciências humanas, mas de perspectivas diferentes...” (p. 179).

Dante Moreira Leite recorta o período colonial, de Pero Vaz de Caminha até a Independência. Aqui identifica traços significativos que marcaram e marcam o “jeito de ser brasileiro”, ou melhor, a “idéia do que é ser brasileiro”, agrupando os

---

exércitos de Napoleão Bonaparte (imperialismo francês) estimulava o sentimento nacionalista nas regiões invadidas. Na América, o nacionalismo começa a se desenvolver com os movimentos de emancipação das colônias via importação das idéias liberais/nacionalistas da Europa. Aí são construídos mitos e símbolos, como bandeira, hino, heróis nacionais, datas cívicas, para fortalecer o sentimento nacionalista.

<sup>5</sup> Um exemplo disto no Brasil é a Reforma Capanema para o ensino secundário que vigorou de 1942 a 1961 (época do nacional-desenvolvimentismo no Brasil), e que contém um artigo que defende que “o ensino secundário se destina à preparação dos homens que deverão assumir responsabilidades maiores dentro da sociedade e da nação [...], portadores das concepções e atitudes espirituais que é preciso infundir nas massas...”; e outro que ressalta o “...cuidado especial na Educação Moral e Cívica de seus alunos, buscando neles formar, como base do patriotismo, a compreensão da continuidade histórica do povo brasileiro, de seus problemas e desígnios, de sua missão em meio aos povos [...].”

autores em dois blocos: os cronistas/ensaístas e os poetas<sup>6</sup>. Uma observação inicial que o autor faz é que essas obras, embora produzidas nos séculos XVI e XVII, em sua maioria só foram publicadas e divulgadas em maior escala no século XIX, com o crescimento do acesso ao ensino e aos livros. Isso significa, segundo ele, que podemos analisar o papel delas na consolidação de uma idéia de nação tão própria do século XIX.

Sem desconsiderar as especificidades das obras, Dante Moreira Leite destaca alguns aspectos em comum que perpassam a todas: “a admiração pela natureza tropical, o interesse pela vida do indígena, o desejo de ver o progresso do país, a crítica ao governo da metrópole e a alguns comportamentos considerados característicos dos colonos” (p. 203). Esses traços vão influenciar também a produção do romantismo no século XIX, que retoma, em graus variados, principalmente as marcas do nativismo. A poesia vai destacar mais intensamente esse nativismo, principalmente as produções do século XVIII, mas ele destaca a presença de Gregório de Matos com uma poesia marcada pela crítica à vida social, além da celebração da natureza feita pelos nativistas.

Segundo Dante Moreira Leite, no Brasil o romantismo foi marcado, em linhas gerais, pelo ambiente “de entusiasmo pela vida nacional, de confiança no futuro do jovem país, de celebração de sua natureza, de elogios à inspiração de seus jovens poetas” (p. 219).

Esta caracterização mostra como é falsa a ruptura desses escritores com seus antecedentes do período colonial, de

---

<sup>6</sup> Dante Moreira Leite analisa, brevemente, as obras de Pero Vaz de Caminha, Gandavo, Gabriel Soares de Souza, Fernão Cardim, Ambrósio Fernandes Brandão, Frei Vicente de Salvador, Sebastião da Rocha Pita e as poesias de Bento Teixeira, Manuel Botelho de Oliveira, Manuel de Santa Maria Itaparica e Gregório de Matos, Frei José de Santa Rita Durão, Cláudio Manoel da Costa, José Basílio da Gama, Inácio José de Alvarenga Peixoto, Domingos Caldas Barbosa. Também analisa poetas e romancistas, identificando o que há de comum entre eles e, em que medida, produziram elementos do caráter nacional. Alguns autores são privilegiados na análise: José Bonifácio, Gonçalves Dias, José de Alencar e Castro Alves. No geral, o romantismo brasileiro é caracterizado pela produção de elementos ideológicos, tendo como base três dimensões: a exaltação da natureza, o indianismo e o idioma nacional.

quem mantiveram o sentimento nativista e admiração pela natureza. Poetas e escritores, responsáveis pela produção da imagem do nacional, recorreram à junção da natureza ao homem brasileiro, num movimento de celebração da natureza tropical e do indígena. Aqui o autor faz uma crítica ao caráter ideológico do indianismo, principalmente a partir de José de Alencar, cuja obra reunia a opção pelo mítico e o distante passado construído e não relacionado ao processo de colonização.

O índio cantado “em verso e prosa” é a encarnação do passado medieval não vivido pelo Brasil, é o exótico que não ameaça a ordem vigente, principalmente a escravidão e a situação de miséria por que passavam os indígenas no século XIX, o índio real. Por isso o autor destaca o caráter ideológico desse movimento. Outro aspecto que vai compor essa ideologia é a defesa de uma língua nacional como parte da especificidade nacional brasileira.

Já nos finais do dezenove, alguns poetas românticos vão começar a tocar na questão da escravidão e sua abolição. No geral esse movimento desconsidera a questão, não fazendo qualquer referência. Castro Alves é o poeta que melhor exemplifica essa mudança de atitude, com uma produção crítica e denunciando os maus tratos vividos pelos negros no Brasil. Essa crítica, segundo Dante Moreira Leite, vai ser mais bem desenvolvido com a geração que se segue, caracterizada como realistas. Esses realistas mudam, no sentido de tratar de questões sociais, de abandonar temas exóticos, míticos. Para iniciar a caracterização desse movimento, o autor escolhe analisar a obra de Sílvio Romero que, segundo ele, teve um papel importante ao influenciar gerações futuras que pensaram o Brasil.

Outro aspecto que vai destacar na interpretação de Romero é sua crítica ao romantismo, aqui também paradoxal. Ao mesmo tempo em que nega o desenvolvimento autônomo do país, defendido pelos românticos, procura a característica nacional dos autores brasileiros, seu valor. Faz isso a partir da valorização de uma cultura mestiça, com predomínio do branco, diferente dos românticos, que escolhem o índio como modelo nacional.

A história do Brasil é explicada por Romero a partir de cinco fatores: o português, o negro, o índio, o meio físico e a

imitação estrangeira. Não aceita totalmente a determinação do clima para explicar o atraso nacional, mas muitas vezes admite algumas características do brasileiro como resultantes dos fatores naturais ou primários. Como fator secundário nessa explicação, apresenta os étnicos: a formação do Brasil a partir das três raças produziu uma sub-raça mestiça, original, com o predomínio da raça branca. Defende o processo natural de branqueamento, com o predomínio da raça superior, embora muitas vezes defenda a necessidade da imigração européia para evitar a degeneração total.

Essa mistura entre raças, para Romero, atinge também as idéias e sentimentos. Dante apresenta a análise feita por Sílvio Romero, marcadamente positivista – o negro estaria na fase teológica, do fetichismo, o índio na astrolatria, e o português na monoteísta, com resquício do politeísmo. Isso explica, segundo ele, a falta de unidade nas tradições brasileiras e na nossa literatura.

No geral, a crítica feita a Sílvio Romero em *O caráter nacional brasileiro* sustenta-se na constante contradição teórica e pessoal que viveu este autor, desejoso de aplicar as teorias racistas à realidade brasileira, embora esta mesma realidade negasse essas teorias e, ao mesmo tempo, esperançoso de igualar o Brasil com as grandes potências mundiais – Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos. Assim, de um lado, reforça o caráter apático, sem iniciativa do brasileiro e critica sua imitação ao estrangeiro, por outro lado, prega o exemplo a ser seguido dos anglo-germânicos.

Seu nacionalismo é cheio de incongruências, e Dante Moreira Leite o classifica como um realista pessimista que, ao contrário de Machado de Assis, não foi capaz de universalizar seu pensamento, permanecendo provinciano. Afirma ser ele um “revoltado” capaz de bater-se contra valores aceitos, mas incapaz de buscar valores substitutos, a não ser pela invocação de uma autoridade intelectual superior, ou de uma raça melhor” (p. 254). Este último aspecto marcou fortemente sua caracterização psicológica do brasileiro e vai influenciar gerações posteriores de autores que pensaram o Brasil como Euclides da Cunha,

## CRÍTICA AO CARÁTER NACIONAL

Examinando os escritos de Afonso Celso no livro *Porque me ufano do meu país*<sup>7</sup> (1900), Dante observa que este apresenta uma visão otimista e ingênua do Brasil, destoando deste contexto de realismo pessimista. Afonso Celso defende ser preciso desenvolver, desde a tenra idade, a educação moral das crianças, construindo um amor à pátria justificado em sua importância. O autor enumera, então, onze motivos da superioridade do Brasil: “grandeza territorial; beleza; riqueza do país; variedade e amenidade do clima; ausência de calamidades naturais; excelência dos elementos que entraram na formação do tipo nacional; nobres predicados do caráter nacional; o Brasil nunca sofreu humilhações, nunca foi vencido; procedimento cavalheiresco e digno com os outros povos; as glórias a colher no Brasil; a história do Brasil” (p. 258).

Destaca ainda as qualidades do homem brasileiro, que reforçam a superioridade do Brasil: “sentimento de independência, hospitalidade, afeição à ordem, paz, melhoramento, paciência e resignação, doçura, longaminidade e desinteresse, escrúpulo no cumprimento das obrigações contraídas, caridade, acessibilidade, tolerância (ausência de preconceito), honradez (pública e particular)” (p. 264). Também levanta alguns aspectos que considera defeitos do brasileiro (falta de iniciativa, falta decisão e falta de firmeza), os quais significam desvios de conduta gerados principalmente pela escravidão, que a educação tinha a tarefa de corrigir. Enfim, utilizando o critério da comparação entre o Brasil e os países europeus - escolhidos pela sua história secular, Afonso Celso sustenta uma visão otimista do caráter nacional brasileiro, a visão a qual será abalada por Euclides da Cunha, no livro

---

<sup>7</sup> Livro que exalta da maneira exagerada as riquezas brasileiras, tendo muita influência em livros de literatura em escola primária, hoje ensino fundamental. Ele procura as origens da explicação sobre o caráter nacional brasileiro. Ele defendia que a melhor forma de expressar o patriotismo era exagerá-las, ou seja, prefere o otimismo ingênuo e a dissimulação de verdades em vez do pessimismo azedo e do negativismo. É preciso desenvolver, desde a tenra idade, a educação moral das crianças.

*Os Sertões* (1902). O livro de Euclides da Cunha surge a partir de uma reportagem jornalística da última fase da revolta de Canudos e, ao descrever a revolta e suas causas, revela uma realidade ainda pouco conhecida do Brasil, uma nova maneira de interpretar a situação nacional, expressando um realismo muitas vezes assustador.

Dante Moreira Leite analisa o conteúdo ideológico do livro, o qual, segundo ele, tenta formular uma filosofia da história brasileira, ao procurar entender como um doente mental (Antônio Conselheiro) mobilizou pessoas a enfrentarem vários sacrifícios, inclusive quatro expedições do exército nacional. Ao fazer isto, Euclides da Cunha ultrapassa os limites de uma interpretação política republicana, contra um movimento de resistência monarquista, e transforma-se em uma visão social e histórica da realidade nacional.

Euclides da Cunha, seguindo a tradição de Silvio Romero, tenta escrever um livro de ciência, partindo do pressuposto de que um país se explica pelas relações entre raça e meio geográfico. Assim, *Os sertões* descreve, de maneira dramática, a terra (semideserto no interior do nordeste brasileiro), o homem (mestiçagem embaralhada de três raças – índio, negro, português) e a luta (embate entre os fanáticos de Canudos e as tropas do governo).

Como, porém, duas das raças que formam o povo brasileiro (negros e portugueses) estão fora de seu hábitat, Euclides encontra dificuldades para usar coerentemente a teoria evolucionista de Darwin que o influencia e segundo a qual, baseado em estudos feitos na Europa, o meio determina a raça. Surge, então, uma contradição nas análises de Euclides da Cunha. Se, por um lado, conclui que não temos e nunca teremos uma unidade de raça, por outro acredita podermos, no futuro, após fortalecermos nossa unidade nacional autônoma, formar uma raça histórica. Inverte, assim, o pensamento europeu – se lá supunha que foram as raças que formaram a nação, aqui é a nação que formaria a raça.

Em relação à nossa falta de unidade racial, Euclides discute as diferenças entre o povo do litoral e do sertão. No litoral temos o paulista, que é a mestiçagem entre o índio e o

colono, e o mulato, que é o cruzamento do branco com o negro, que vinha ocorrendo desde Portugal. Ambos caracterizam-se pela fraqueza, desequilíbrio, instabilidade, pois, devido ao clima ameno do sul, entraram em contato com civilizações superiores, às quais tiveram que se adaptar, sem conseguir acompanhá-las ou absorvê-las. No sertão, temos os jagunços ou sertanejos, que, como descendentes dos paulistas que entraram para o interior do Brasil, resultam do cruzamento do índio com o colono, mas são mais fortes, aventureiros e autônomos, pois ficaram isolados pela adversidade do clima do semideserto, não tendo que se adaptar a civilizações superiores.

Quanto à possibilidade de formação de uma raça nacional histórica, Euclides da Cunha baseia-se no sertanejo (jagunço) que, em suas palavras, simboliza a “rocha viva da nacionalidade” e representa uma nova constituição da raça brasileira, no lugar do mestiço que muitas vezes expressa fragilidade e instabilidade de comportamento. Dante Moreira Leite, para revelar o caráter ideológico da teoria racial de Euclides da Cunha, discute os seus equívocos. O primeiro foi o de basear-se na teoria que defende que o clima influencia na configuração da raça e, ao mesmo tempo, acreditar que o sertanejo descendente do paulista formado no sul mantém as suas características primitivas. Como isto é possível, se o clima do sertão, onde vive o sertanejo, é tão diferente do clima do sul onde surgiu o paulista? Isso ocorreria mais por questões sociais, que Euclides não comenta, do que questões biológicas?

O segundo foi analisar o episódio de Canudos segundo o darwinismo social, que argumenta que a evolução humana se dá pelo choque de raças em diferentes estágios. Isto conduz à idéia apresentada no início de *Os sertões*, de que os sertanejos eram raças inferiores que seriam esmagadas pelas raças superiores (exército nacional). Idéia que se contradiz com sua defesa posterior de que os sertanejos simbolizariam a “rocha viva da nacionalidade”, representando a futura raça histórica brasileira. Como os sertanejos seriam a base de nossa futura raça, se eles estavam fadados a serem destruídos por raças superiores?

A obra de Euclides da Cunha é um exemplo da literatura regionalista no pré-modernismo que, apesar de destacar

os tipos característicos de uma região, acaba construindo uma ideologia do caráter nacional brasileiro ao ver uma região como mais característica do Brasil do que outra - no caso de Euclides, opõe-se a região litorânea, vista como frágil e decadente, à região sertaneja, onde estaria o brasileiro autêntico.

Dante Moreira Leite, ao observar a fragilidade das ideologias do caráter nacional brasileiro e os preconceitos por elas disseminados, como discutido anteriormente, pretende criticar a idéia de que há um caráter nacional determinado por fatores raciais, culturais ou religiosos que justifica o subdesenvolvimento do Brasil, como se este fosse naturalmente inferior a outros povos. Ao invés disso, Leite defende que a dominação de um país pelo outro é um processo político, econômico e social constituído historicamente pelos países capitalistas centrais e, por isto, pode ser modificado.

Infelizmente, ao contrário deste ideal, no cenário mundial, desde o fim do século XX, estamos experimentando o acirramento do nacionalismo destrutivo, quando vivenciamos ataques terroristas, a invasão dos EUA a países como Iraque, entre outros exemplos. Ainda hoje, muitos materiais didáticos recém-publicados divulgam uma visão romântica da nossa identidade nacional, ao destacar a integração, o encontro pacificado entre diferentes culturas, através de miscigenações, sincretismos, relações de confiança, sem considerar os conflitos e confrontos envolvidos nesse processo.

Esses livros didáticos equivocados fazem acreditar que, assim, os estudantes conseguirão apropriar-se ativamente do conhecimento escolar, descobrindo os sujeitos e vozes sociais que esse nacionalismo ingênuo destaca ou silencia. Dante desmistifica essa aparente neutralidade, questionando a hegemonia da cultura da classe social que controla os bens materiais e simbólicos da sociedade, explicitando a desigualdade social e a diversidade cultural presente na escola e na sociedade. Essa comunicação recíproca entre diferentes, esse contato com o "outro" melhora a compreensão do "nós", motivando a autocrítica de toda cultura e grupo social, alargando o entendimento de "si" e do mundo. Enfim, essa comunicação propicia o reconhecimento de que todos, através de confli-

tos e contradições, influenciam no processo histórico, na conservação ou na transformação da sociedade, e de que nada é natural e único. Desta maneira, cria-se perspectivas para se pensar e construir um futuro diferente, novas identidades culturais em uma sociedade mais justa, democrática e plural. Uma questão, porém, permanece no pensamento dialético de Dante: É possível esse ideal dentro dos marcos do capitalismo?

Em Dante Moreira, as características psicológicas não podem ser vistas como base de desenvolvimento histórico e social. Para ele, são as condições da vida social que determinam as características psicológicas, apesar de estas poderem influir na vida social. As ideologias do caráter nacional brasileiro frequentemente representam não uma autêntica tomada de consciência de um povo, mas apenas um obstáculo no processo pelo qual uma nação surge entre as outras, ou pela qual um povo livre surge na História.

As análises de Dante Moreira Leite, feitas nos anos 1950 e 1960, ainda se apresentam atuais para conhecermos as várias possibilidades de pensarmos a nossa identidade nacional, suas implicações políticas, sociais e culturais e, a partir daí, posicionarmo-nos frente aos diferentes projetos sociais e educacionais que coexistem na atualidade.

## REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Francisco. Um país em obra. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 de out. 2006 Caderno Mais, p. 7.

BOSI, Alfredo. Aventuras e desventuras de uma ideologia. In: LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1983.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. Dante Moreira Leite: mestre da psicologia social. *Psicologia USP*, 2000, v. 11, n. 2, p. 15-23.

GIROUX, Henry A. Pós-modernismo e a discussão da crítica educacional. In: SILVA, Tomaz Tadeu A. (Org.). *Teoria educacional crítica em tempos modernos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. p. 41-69.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MELLO, Evaldo Cabral de. A mudança da mudança. *Nossa história*, mar. 2004, ano 1, n. 5, p. 1998.

MOTA, Carlos Guilherme da. *Ideologia da cultura brasileira – 1933-1974*. 9. ed. São Paulo: Ática, 1994.

PAIVA, Geraldo José. Dante Moreira Leite: um pioneiro da psicologia social no Brasil. *Psicologia USP*, 2000, v. 11, n. 2, p. 25-57.

SCHMIDT, Maria Luísa Sandoval e NEVES, Tatiana Freitas Sockler. Dante Moreira Leite: ciência psicológica, interdisciplinaridade e diferença. *Psicologia USP*, 2000, v. 11, n. 2, p. 59-88.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Os novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 184-202.